



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

ENTRE A MILITÂNCIA E A CIÊNCIA: A IMPLICAÇÃO DO PESQUISADOR NO PROCESSO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

DOI: 10.56579/eduinterpe.v2i1.3565

Alciane Barbosa Macedo Pereira¹; Elisângela Tavares da Silva²; Regis Puppim³;

¹ Profa. Dra. do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Campus Aparecida.
E-mail: alciane.pereira@ifg.edu.br

² Profa. Ma. do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Campus Aparecida.
E-mail: elisangela.silva@ifg.edu.br

³ Prof. do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Campus Aparecida de Goiânia, Doutor em Engenharia Têxtil pela Universidade do Minho. E-mail: regis.puppim@ifg.edu.br

RESUMO: Este ensaio acadêmico discute a possibilidade de realizar pesquisa no tensionamento entre militância e ciência, problematizando a noção de neutralidade e defendendo a implicação do pesquisador como dimensão constitutiva da produção do conhecimento, especialmente nas ciências humanas e sociais, com ênfase na Psicologia. Fundamentado em referenciais teóricos que criticam o paradigma positivista, o trabalho sustenta que a neutralidade absoluta é epistemologicamente insustentável, uma vez que sujeito e objeto mantêm relação indissociável no processo investigativo. A partir da noção de implicação, compreendida como engajamento pessoal, histórico, afetivo e sociopolítico do pesquisador, analisa-se como tal envolvimento não representa um obstáculo ao rigor científico, mas pode enriquecer a pesquisa quando acompanhado de consciência epistemológica e fundamentação teórico-metodológica consistente. O ensaio, de natureza qualitativa, reflexiva e dialógica, baseia-se na análise e articulação crítica de obras que abordam a pesquisa-ação, o compromisso social da ciência e os limites do dogmatismo científico. Destacam-se os níveis de implicação – psicoafetivo, histórico-existencial e estrutural-profissional – como categorias analíticas que permitem compreender a complexidade do engajamento do pesquisador. Argumenta-se que a pesquisa militante, quando conduzida com rigor e reflexão crítica, pode promover formação, conscientização e transformação social, contribuindo inclusive para a formulação de políticas públicas. Conclui-se que não há oposição irreconciliável entre militância e ciência, mas uma relação dialógica que exige permanente articulação entre implicação e distanciamento, subjetividade e objetividade, reafirmando o compromisso social da prática científica.

Palavras-chave: Implicação; Neutralidade Científica; Pesquisa-Ação; Militância; Ciências Humanas.

INTRODUÇÃO

Este ensaio acadêmico discorre sobre a possibilidade de fazer pesquisa entre a militância e a ciência. Nesse sentido, realizamos uma discussão sobre a implicação do pesquisador no processo de produção de conhecimento científico. Somado a isso, apresentamos algumas discussões sobre a possibilidade de falar de implicação e considerar impossível o exercício da neutralidade, particularmente no campo das ciências humanas e sociais, na qual se inclui a Psicologia, sem excluir a possibilidade da inclusão e a discussão com outros saberes.

A noção de implicação, em oposição a de neutralidade, sugere que o envolvimento subjetivo do pesquisador com seu objeto acontece nos diferentes contextos de pesquisa (Nasciutti, 2010). Assim, segundo a autora, escolhemos nosso objeto de pesquisa porque nosso olhar é orientado por aquilo que nos toca, ao mesmo tempo em que realizamos pesquisa diante do nosso



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

desconhecimento parcial diante dele. Por isso, o pesquisar não se restringe a absorver técnicas e pô-las em prática, uma vez que é o cultivar da capacidade imaginadora e a engenhosidade que diferenciam o técnico do pesquisador (Oliveira, 1998).

METODOLOGIA

O ensaio acadêmico constitui uma estratégia metodológica de natureza qualitativa, reflexiva e dialógica, empregada na produção científica para promover a análise crítica, a argumentação fundamentada e a construção negociada de sentidos sobre um tema específico. Diferentemente das abordagens empíricas tradicionais, que exigem divisão rígida em objetivos, justificativa, metodologia de coleta e análise de dados, o ensaio orienta-se pelas indagações que suscitam reflexões profundas, dispensando a estrutura formal das metodologias científicas convencionais e privilegiando o diálogo aberto entre autor e leitor (Barros, 2011)

Este trabalho foi elaborado a partir da reflexão sobre a temática subsidiada pela leitura e discussão de obras relacionadas ao tema e familiares ao/às autores/as. Essa caracterização posiciona este ensaio acadêmico como instrumento flexível de construção de conhecimento, especialmente adequado a pesquisas exploratórias ou interpretativas, onde o foco recai sobre a reflexão crítica e a articulação teórica em vez da busca por respostas definitivas ou dados quantitativos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão sobre a impossibilidade da neutralidade na prática da pesquisa em ciências humanas viabilizou o surgimento de outras formas de fazer pesquisa distintas daquela com base nos princípios positivistas e na referência das ciências naturais e exatas. Considerar a ausência da neutralidade científica, por sua vez, é levar em conta a identidade entre sujeito e objeto nas pesquisas em ciências humanas e sociais. A Psicologia, da mesma forma como em uma parte grande das ciências humanas e sociais, nasceu dentro de um conflito que objetivava buscar transpor as distâncias do abismo criado pelo paradigma científico dominante (Neubern, 2001). O próprio Wundt, possivelmente ciente desse conflito e ainda que parcialmente fiel ao positivismo, constituiu a Psicologia, dita científica, dos laboratórios, ao mesmo tempo em que elaborou a pouco conhecida “Psicologia dos Povos”.

No entanto, na atualidade, talvez mais do que antes, é possível ser contrário à dogmatização da ciência (Bachelard, 1978) e assim, considerar que toda afirmação científica deve ser contextual, relativa, circunscrita a partir da compreensão de uma realidade específica e por meio da tensão entre



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

os aportes teóricos e a ontologia da própria realidade. Desse modo, podemos afirmar que sempre há uma inteligibilidade alternativa (Gergen, 1996). Assim, não se pode falar em conhecimento absoluto, final e separado de quem o produz, bem como da possibilidade de diálogo e de negociação entre os envolvidos. Nesse sentido, para as ciências humanas, a ciência é somente uma das formas de enxergar a realidade complexa, uma vez que ela não se esgota e o “esforço científico sempre possui o lado da descoberta daquilo que se pode conhecer mais e melhor” (Calil & Arruda, 2004, p.175).

A tradição positivista, no entanto, nos acostumou ao dogmatismo, e à compreensão superficial da realidade junto ao distanciamento do pesquisador, nas diferentes áreas do conhecimento (Dionne, 2007). Barbier (1985), por sua vez, considera três níveis de abordagem do conceito de *implicação* em pesquisa, particularmente relacionados à pesquisa-ação: o nível psicoafetivo; o nível histórico-existencial; e o nível estrutural-profissional. O nível psicoafetivo está presente na pesquisa-ação, uma vez que o objeto de investigação sempre questiona os fundamentos da personalidade profunda. Além disso, a implicação está presente em toda profissão em que se tem como base o desenvolvimento de relações humanas peculiares. O nível histórico-existencial, por sua vez, está articulado ao primeiro nível, pois a pesquisa acontece também ligada à própria vida do pesquisador, à sua história, na qual a sua existência também está em jogo e em que ele trabalha o mais profundo dos seus problemas no momento. O autor complementa ainda: “(...) é na medida que enfrente com seriedade os meus problemas que me torno mais disponível para os participantes” (Barbier, 2007, p. 111). Já o nível estrutural-profissional corresponde à procura de elementos que têm sentido com referência ao trabalho social do pesquisador e o contexto socioeconômico. Sobre esse último nível, o autor afirma que toda profissão apresenta um não-dito institucional. Este não-dito é a sua posição no campo das relações de produção e do sistema de valores que lhe dá coerência à própria profissão. Por fim, para Barbier (2007), os diferentes níveis de implicação se interpenetram e agem um sobre o outro:

A implicação, no campo das ciências humanas, pode ser então definida como o engajamento pessoal e coletivo do pesquisador em e por sua práxis científica, em função de sua história familiar e libidinal, de suas posições passada e atual nas relações de produção e de classe, e de seu projeto sócio-político em ato, de tal modo que o investimento que resulte inevitavelmente de tudo isso seja parte integrante e dinâmica de toda atividade de conhecimento (Barbier, 1995, p. 120).



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

A partir da ideia de implicação nas ciências humanas e sociais, Grubits e Darrault-Harris (2004) afirmam que há na pesquisa militante a sugestão do engajamento consciente do pesquisador nos conflitos ideológicos e políticos da sociedade. Nesse caso, a pesquisa tem por objetivo formação e ação para que exista a tomada de consciência pelos próprios pesquisados acerca dos seus problemas e das condições que o determinam e assim poderem organizar meios para se defender e buscar os seus interesses sociais.

No entanto, a proximidade que viabiliza a realização da pesquisa também abre espaço para a discussão de diferentes questões. Costa, Penso e Almeida (2006) afirmam que às vezes, a vinculação às pessoas estudadas em situações limite, particularmente relacionadas à violência, traz situações difíceis de serem remanejadas pelos pesquisadores. Nesse sentido, determinadas questões trabalhadas levam o pesquisador para o centro de um turbilhão e caos psíquico-emocional, apresentando-lhe impasses no planejamento metodológico, mobilizações subjetivas e conflitos éticos-morais. Ao mesmo tempo, para surgir desempenhando da melhor maneira seu papel de pesquisador e profissional, esse turbilhão leva-o a criar saídas nas diversas frentes de obstáculos para tentar contorná-los.

Como possibilidade de reflexão acerca da problemática da implicação, o pesquisador deve desempenhar seu papel profissional numa dialética que articula constantemente a implicação e o distanciamento, a afetividade e a racionalidade, o simbólico e o imaginário, a mediação e o desafio, a autoformação e a heteroformação, a ciência e a arte (Barbier, 2007).

Portanto, é necessário conscientizar-se da sua implicação enquanto pesquisador para assim com rigor teórico e metodológico, além da consciência epistemológica, não permitir que apenas sua subjetividade oriente o trabalho, por meio do viés de seus desejos, defesas, crenças, certezas, partidarismos, militarismos ou preconceitos. Ao mesmo tempo em que essa consciência é fundamental para na direção oposta utilizar-se da sua implicação para enriquecer a pesquisa com suas experiências (Nasciutti, 2010).

Dessa maneira, o compromisso social da prática científica deve partir da ideia de que é necessário desvelar os interesses sociais e pessoais presentes na prática investigativa. Bem como, é preciso reconhecer a existência de conflitos, contradições e limitações do conhecimento, que longe de negar o rigor, enxerga a ontologia da realidade. Além disso, não é demais lembrar que as pesquisas de cunho acadêmico deveriam ter também como função servir como um dos fundamentos



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

possíveis para as políticas públicas relacionadas às questões sociais, de saúde, educacionais, entre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio acadêmico demonstrou que a pesquisa científica, particularmente nas ciências humanas e sociais – com ênfase na Psicologia –, não pode prescindir do reconhecimento da implicação subjetiva do pesquisador, uma vez que a neutralidade absoluta constitui uma ilusão epistemológica insustentável. Ao longo da reflexão, ficou evidenciado que o envolvimento pessoal, histórico, afetivo e socio-político do investigador não representa um viés a ser eliminado, mas uma dimensão constitutiva e enriquecedora do processo de produção de conhecimento (Nasciutti, 2010; Barbier, 2007).

A análise dos níveis de implicação propostos por Barbier (2007) – psicoafetivo, histórico-existencial e estrutural-profissional – permitiu compreender que o engajamento consciente do pesquisador, inclusive em sua dimensão militante, potencializa a pesquisa-ação e a formação crítica dos sujeitos investigados, sem comprometer o rigor teórico e metodológico. Pelo contrário: a consciência epistemológica da própria implicação viabiliza o equilíbrio dialético entre aproximação e distanciamento, afetividade e racionalidade, subjetividade e objetividade, conferindo maior profundidade e autenticidade aos resultados.

Assim, conclui-se que o compromisso social da ciência exige o desvelamento explícito dos interesses, conflitos e limitações inerentes à prática investigativa. Longe de enfraquecer o conhecimento, tal postura fortalece-o, ao reconhecer a complexidade ontológica da realidade e ao abrir espaço para inteligibilidades alternativas (Gergen, 1996; Calil & Arruda, 2004). Nesse sentido, as pesquisas acadêmicas adquirem também a função estratégica de subsidiar a elaboração de políticas públicas nas áreas social, de saúde e educacional, transformando o saber produzido em instrumento de transformação social.

O ensaio, portanto, reafirma que entre militância e ciência não há oposição irreconciliável, mas uma relação dialógica fecunda, desde que mediada pela reflexão crítica permanente sobre a implicação do pesquisador. Tal perspectiva convida a comunidade acadêmica a repensar suas práticas investigativas, valorizando a subjetividade engajada como elemento propulsor de uma ciência mais humana, contextualizada e socialmente comprometida



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução: Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2007.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação na instituição educativa**. Tradução: Estela dos Santos Abreu *et al.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BARROS, Kazue Saito Monteiro de. Réplica 1 – o que é um ensaio? **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 320–323, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000200010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/wgx3zvyKdtBg5DZQsxwrKjS/>. Acesso em: 28 fev. 2026.

CAIL, R. C. C.; ARRUDA, S. L. S. Discussão da pesquisa qualitativa com ênfase no método clínico. In: GRUBITS, Sonia; NORIEGA, Jose Angel Vera (org.). **Método qualitativo: epistemologia, complementariedades e campos de aplicação**. São Paulo: Vetor, 2004. p. 173–213.

COSTA, Liana Fortunato; RIBEIRO, Maria Aparecida; PENSO, Maria Alves; ALMEIDA, Tania Maria Campos de. O desafio da supervisão e pesquisa-ação em casos de abuso sexual: os professores e suas questões. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 40, p. 355–370, 2008.

DIONNE, Hugues. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. Tradução: Michel Thiollent. Brasília: Liber Livro, 2007.

GERGEN, Kenneth J. **Realidad y relaciones: aproximaciones a la construcción social**. Barcelona: Paidós, 1996.

GRUBITS, Sonia; DARRAULT-HARRIS, Ivan. Método qualitativo: um importante caminho no aprofundamento das investigações. In: GRUBITS, Sonia; NORIEGA, Jose Angel Vera (org.). **Método qualitativo: epistemologia, complementariedades e campos de aplicação**. São Paulo: Vetor, 2004. p. 105–132.

NASCIUTTI, J. C. R. Reflexões sobre pesquisa e compromissos sociais: uma experiência de mobilização social e participação comunitária em projeto socioambiental. In: LACERDA JÚNIOR, Fernando; GUZZO, Raquel Souza Lobo (org.). **Psicologia & sociedade: interfaces no debate sobre a questão social**. Campinas: Alínea, 2010. p. 85–104.

NEUBERN, Mauricio da Silva. Três obstáculos epistemológicos para o reconhecimento da subjetividade na psicologia clínica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 241–252, 2001.

OLIVEIRA, Pedro de Siqueira. Caminhos de construção da pesquisa em ciências humanas. In: OLIVEIRA, Pedro de Siqueira (org.). **Metodologia das ciências humanas**. São Paulo: Hucitec; UNESP, 1998. p. 17–32.



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1996.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443–466, set./dez. 2005.